

EUA buscam garantir uma expansão durável

LEONARD SILK
Do N. Y. Times

NOVA YORK — No momento, a recuperação está correndo e não caindo como estava em princípios deste ano. Mas a complicada tarefa, que deve ser enfrentada pelos que determinam a política econômica e pelos que administram o dinheiro, é como garantir que essa expansão tenha uma vida longa e saudável, começando de onde estamos, o que não é exatamente o lugar do qual deveríamos estar começando com as coisas.

A recuperação começou com as taxas de juro já em níveis muito elevados e começando a aumentar novamente; a oferta de dinheiro está crescendo de maneira consideravelmente mais rápida do que as metas previstas e determinadas pela Reserva Federal; e enormes déficits orçamentários nos esperam para os anos futuros, exigindo empréstimos contraídos pelo governo, o que fará com que Tio Sam entre em concorrência cada vez maior com as empresas privadas e com as pessoas interessadas em empréstimos pessoais, na medida em que a economia se está recuperando. Uma luta pelas poupanças do público causaria uma pressão ainda maior sobre as taxas de juro, ameaçando acabar com os investimentos empresariais, com novas fábricas e novos equipamentos, prejudicando os mercados de ações e de **bonds**, forçando a regressão da indústria habitacional e também da indústria automobilística, e fazendo a recuperação abortar — algo que o presidente Reagan e o Partido Republicano não querem que aconteça em 1984, por motivos facilmente compreensíveis.

Na semana passada, Paul A. Volcker, durante seu depoimento de confirmação perante o Comitê Bancário do Senado, a respeito de sua nomeação pelo presidente Ronald Reagan para permanecer no cargo durante um segundo exercício, conquistou a simpatia do comitê para os "quatro anos ruins" que podem estar esperando por ele. Sua recepção foi, em larga escala, devida ao seu triunfo sobre a inflação. Na semana passada, o Departamento de Trabalho anunciou um aumento de 0,5% nos preços de atacado para junho. Mes-

mo assim, o índice dos preços dos produtores diminuiu em 1% (índice anual) durante o primeiro semestre deste ano.

Mas com a recuperação aumentou também o perigo de uma retomada da inflação. Volcker, alertando para o fato de que ele poderá ou não permanecer no cargo durante todo um segundo exercício de quatro anos, disse que o pior problema enfrentado pela política monetária é o déficit, que representa o "maior risco" para perturbar o que considera que poderia ser uma **performance** mais do que satisfatória, com consequências muito favoráveis a longo prazo. E ainda acrescentou: "Quando eu examino o perigo de se fazer isto, os déficits se destacam claramente como sendo o fator mais importante". Ele pediu que o Congresso e a Casa Branca façam tudo o que lhes for possível para reduzir os déficits orçamentários, que, pelos cálculos atuais, deverão chegar a duzentos bilhões de dólares por ano durante os próximos quatro anos. Esta redução de déficits deveria se tornar a principal prioridade do Congresso e da Casa Branca.

Tanto o Congresso como o presidente estão constantemente lembrando esta mesma necessidade. No entanto, eles discordam quanto à melhor maneira de se reduzir a diferença: reduzindo-se os gastos militares ou reduzindo-se os gastos civis, aumentando os impostos, ou como afirmam os "supply-siders" do grupo presidencial — com argumentos utilizados ocasionalmente pelo próprio presidente —, reduzindo-se ainda mais os impostos. No entanto, tanto o Congresso como a Casa Branca continuam combatendo com forças reduzidas na batalha orçamentária; as reduções propostas para este ano, provavelmente, equivalerão a apenas 10%, no máximo, do déficit esperado.

Apesar dessas preocupações — parcialmente devido ao incentivo do déficit e parcialmente por causa do rápido crescimento da oferta de dinheiro, enquanto a Reserva Federal adotou o que Volcker definiu como sendo uma política monetária "acomodativa" —, a economia está-se recuperando mais rapidamente do que era esperado.